

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

**COMUNIDADE NOME DE MARIA: ANÁLISES GEOHISTÓRICAS NO PERÍODO
DE 1980 A 1990**

Autor: RODRIGO ANTONIO DE OLIVEIRA

Orientadora: Profa. Ms. MARINA SILVEIRA LOPES

JUÍNA/2010

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

**COMUNIDADE NOME DE MARIA: ANÁLISES GEOHISTÓRICAS NO PERÍODO
DE 1980 A 1990**

Autor: RODRIGO ANTONIO DE OLIVEIRA

Orientadora: Profa. Ms. MARINA SILVEIRA LOPES

Trabalho apresentado como exigência parcial para
a obtenção do título de Licenciatura Plena em
Geografia.

JUÍNA/2010

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

BANCA EXAMINADORA

Ms. Djalma Gonçalves Ramires

Ms. Denise Peralta Lemes

Ms. Marina Silveira Lopes
ORIENTADORA

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora Professora Marina por sua amizade, confiança e credibilidade em minha pessoa, contribuindo assim para o mútuo aprendizado de vida, durante nossa convivência, no campo profissional e particular.

Aos os meus amigos e colegas de trabalho por me darem forças na realização dessa pesquisa.

Os professores que durante esse período dos três anos fizeram presentes nessa caminhada contribuindo para que o processo ensino aprendizagem tornasse mais completo. Também mestres que me acolheram na realização dos meus estágios, tanto no ensino fundamental como no ensino médio.

A Coordenadora da Escola Rural Municipal “Euclides da Cunha” Luzinete Oliveira do Amaral por sua amizade, companheirismo e por sempre me guiar pedagogicamente com sua experiência para que sempre eu possa estar fazendo o melhor trabalho dentro da sala de aula.

Ao Sr. Francisco Gomes de Souza por ceder por meio de entrevista informações que serviram para complementar o meu ciclo de estudo ao se realizar essa monografia.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, pois sem Ele, nada seria possível.

Aos meus pais Claudinei Antonio de Oliveira e Zélia Cândida de Oliveira pelo esforço, dedicação e compreensão, em todos os momentos desta e de outras caminhadas.

A minha amada namorada Crislaine Oliveira do Amaral pelo apoio, paciência e compreensão que teve comigo durante esse tempo, o que tornou fundamental para o desenvolvimento e conclusão do meu trabalho.

EPIGRAFE

“Para conhecermos os amigos é necessário passar pelo sucesso e pela desgraça. No sucesso, verificamos a quantidade e, na desgraça, a qualidade”.

Confúcio, filósofo chinês, (551 - 479 a.C.)

LISTAS DE SIGLAS

SUDECO: Superintendência do Desenvolvimento da Região Centro Oeste

CODEMAT: Companhia de Desenvolvimento de Mato Grosso

COOPERJUÍNA: Cooperativa Agropecuária Mista de Juína

LISTA DE MAPAS

Mapa: 1 Região noroeste do Estado de Mato Grosso.....	21
Mapa: 2 Estado de Mato Grosso e seus municípios	25

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1: Esquema sobre a localização entre o município de Juína, a	26
Figura 2: Área de floresta amazônica em torno do recém formado.....	27
Figura 3: Cafezal em flor	28
Figura 4: Carro popular do Sr. Francisco.	29
Figura 5: No novo modelo de cultivo da família Douza.	30
Figura 6: Consórcio de cultura. família do Sr. Francisco na época de plantio.....	32
Figura 7: Festa na Comunidade Nome De Maria.	33
Figura 8: Sistema de Consórcio de cultura: café e milho	34
Figura 9: Sr. Francisco ordenhando uma vaca.....	35
Figura 10: Atual casa da família Souza.....	35
Figura 11 : Sr. Francisco e o casal de filhos mais novo na recente construção da casa.....	36

RESUMO

A geohistória busca entender por meio do passado os acontecimentos que marcaram o tempo, tanto no campo geográfico quanto histórico e conseqüentemente repassar para futuras gerações. O processo de compreensão da sociedade pode ser dado pelo tempo e espaço, contribuindo assim para o conhecimento concomitante aos problemas e as dificuldades enfrentados pelos ocupantes de um dado lugar. A Comunidade Nome de Maria, com história no município de Juína, proporcionou várias histórias imbricadas com os aspectos geográficos da região. A trajetória patrocinada pela geohistória da comunidade, buscou relatar e a migração feita pela família Gomes de Souza para ilustrar esse processo. As transformações econômicas que essa família sofreu, num curto período de tempo, ao deixar as terras sulistas e adentrar nas terras do centro – oeste só poderia ser relatada sob uma pesquisa bibliográfica somada a uma entrevista aberta com o chefe da família. Tive como resultado dessa parceria, a demonstração de como a história dessa família se confunde com a história da comunidade formando uma única história a partir das mudanças do espaço geográfico, o que levou a mudarem radicalmente de modo de vida.

Palavras – chave: Geohistória, Comunidade, Espaço Geográfico, modo de Vida

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. A GEOHISTÓRIA DA COMUNIDADE NOME DE MARIA: BASES TEÓRICAS..	14
3. MATERIAL E MÉTODOS	18
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	19
4.1. A COLONIZAÇÃO DO NOROESTE DO ESTADO DE MATO GROSSO: UMA QUESTÃO DE DOMÍNIO TERRITORIAL	19
4.2. ENTRE GARIMPOS E CONFLITOS INDÍGENAS: O DESENVOLVIMENTO DE JUÍNA	22
4.3. A VIDA EM COMUNIDADE: UM APELO À SOLIDARIEDADE	23
4.4. FAMÍLIA GOMES DE SOUZA: UMA PIONEIRA	24
CONCLUSÃO	38
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	39

1.INTRODUÇÃO

Em meados da década de 1970, a região Noroeste do Estado de Mato Grosso começa a surgir com um propósito de integrar essa região ao restante do Brasil, e com isso, promovendo uma grande migração.

Esse projeto de colonização tinha como objetivo integrar novas áreas ao processo produtivo no interior do Estado, já que está inserido nos limites da Amazônia Legal, cuja floresta era povoada pelas etnias indígenas dos Cinta Larga, Rikbaktsas e Ena – Wenê – Nawê; e nas áreas destinadas às Reservas Ecológicas. Esse movimento se intensificou na década de 1980, o qual viabilizou o nascimento de várias cidades, tais como: Aripuanã, Alta Floresta, Sinop e Juína.

A idealização do Projeto Juína, localizada ao Noroeste do Estado de Mato Grosso, teve início em Brasília, tendo como coordenador Dr. Jairo de Farias e Dr. Grigori Bulad, ambos da SUDECO (Superintendência do Desenvolvimento da Região Centro Oeste), porém, o projeto de colonização que envolve a região hoje, foi dirigido pela CODEMAT (Companhia de Desenvolvimento de Mato Grosso), criando assim o município de Juína em Abril de 1973.

Em Janeiro de 1976, foi realizada em Fontanillas, uma reunião com os representantes da SUDECO e da CODEMAT, destacando as seguintes pessoas como responsáveis pela operacionalização e implantação do Projeto Juína: Dr. Jairo de Farias, Grigori Bulard, Sarita Baracat de Arruda, Dr. Guilherme Freitas de Abreu Lima, Dr. Hilton de Campos, Kikuo Ninomia Miguel e Adeja de Aquino, que vieram a ser os desbravadores e os pioneiros.

A criação do Distrito de Juína se deu por meio de Lei Estadual nº 4083 – 10 de Julho de 1979. A criação do Município de Juína se efetivou a partir da Lei Estadual nº 4 456 – 09 de maio de 1982, com área de 26.350 Km², situada – se ao Noroeste do Estado de Mato Grosso.

Juína iniciou seu povoamento em 1978, com a chegada dos primeiros colonos oriundos de diversos estados brasileiros, que compraram suas terras da própria colonizadora (CODEMAT) em prestações anuais, facilitando assim, o acesso dos colonos e a compra de suas terras.

Com um clima favorável e solos férteis, considerados excelentes para a exploração de culturas perenes, como, cafés (arábica, catuaí e conilon), urucum¹, seringueira e extração de Castanha – do – Brasil, além das culturas de subsistência como: arroz, milho, feijão e mandioca etc.

Nessa época, o deslocamento de pessoas foi muito grande, em busca da exploração das reservas naturais, que eram imensas. Ocorria a exploração de madeiras nobres de grande valor comercial como o mogno e a cerejeira. A madeira branca² de menor valor era pouco explorada, pois, a partir desta prática, várias serrarias foram instaladas no município.

A exploração de jazidas de diamantes em 1986, como atividade econômica, trouxe para Juína uma mudança radical na sua paisagem geográfica, provocou um crescimento desordenado junto com um comércio paralelo de venda de pedras preciosas e atividades afins.

Desde o seu planejamento, Juína teve como objetivo as atividades econômicas com base na agricultura, pecuária, extração mineral e vegetal³ e pequenas indústrias.

Nesse contexto histórico surge a *Comunidade Nome de Maria*, gerenciada pela colonizadora CODEMAT de Mato Grosso com aproximadamente vinte famílias vindas de várias regiões do Brasil, que aqui chegaram em busca de terras, a fim de dar uma estabilidade financeira para suas famílias e se depararam com dificuldades geográficas, das quais não haviam sido esclarecidos devidamente para esses colonos. Fazendo disso, um fator condicionante para a sobrevivência e a história dessa comunidade. Atualmente, essa comunidade conta apenas com doze famílias remanescente do período de colonização.

Por meio do passado, as pessoas buscam compreender como os eventos aconteceram para explicar a sua existência, as transformações e as mudanças em cada paisagem geográfica ocasionadas pela necessidade de cada sociedade em

¹ Café e Urucum: São os produtos que foram trazidos pelos migrantes sulistas e introduzidos no noroeste do Estado de Mato Grosso, a fim de desenvolver esse pólo para o fortalecimento da economia.

² Madeira Branca: Pinho Cuiabano (*Schizolobium amazonicum*) árvore de madeira mole e de segunda qualidade, cuja origem amazonense.

³ Parte de indústria: Já em pleno desenvolvimento, Juína começa a receber alguns investimentos com a chegada de algumas empresas industriais, como: frigorífico, fábrica de processamento de mel e outras.

determinado movimento. Por esse mesmo motivo, o ser humano busca também outros lugares para desenvolver economicamente seu gênero de vida.

É nesse contexto, que muitos pequenos proprietários pioneiros da *Comunidade Nome de Maria* virem para Juína para ocupar não só os lugares de espaços vazios que havia na década de 1980, mas também em busca de um pedaço de “chão”.

Pelas análises empíricas pretendemos mostrar que essa comunidade tem um papel fundamental no contexto social, geográfico, econômico e ambiental, pois nela, habitam pessoas que vieram de diversas localidades territoriais trazendo suas culturas, o modo de vida e seus costumes. Pela troca de experiência esses colonizadores foram se miscigenando com outras raças, etnias e culturas até formarem o povo Juinense.

Para analisarmos essa mudança sob a ótica da geohistória desenvolvemos essa monografia em três capítulos, sendo as bases teóricas para análise geohistórica da Comunidade Nome de Maria, o material e os métodos utilizados para coleta de dados, a Comunidade Nome de Maria vista pela geohistória matogrossense e por último a conclusão.

2. A GEOHISTÓRIA DA COMUNIDADE NOME DE MARIA: BASES TEÓRICAS

SANTOS (1999), define espaço geográfico como o conjunto de elementos que são indissociáveis, solidário, pois, seus objetos e sistemas de ações não se caracterizam isoladamente. “Desde o começo a natureza selvagem, foi sendo substituídos por objetos de natureza artificial” (SANTOS, 1999, p. 51).

Os processos de referências geográficas estão disponíveis no espaço e deve ser considerada como um conjunto de relações realizadas pelas funções e de forma que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente (SANTOS, 2006, p. 40).

Alinhado ao conceito de Milton Santos, LAGE (2004), busca identificar o conceito de espaço geográfico no âmbito do conhecimento humano pelo caráter do seu objeto de estudo. Sob essa óptica o espaço pode ser analisado em várias “metamorfoses”: paisagem, território, lugar, região, cidade, campo, entre outras.

Com relação à paisagem geográfica, SANTOS (1999), diz que é tudo aquilo que vemos, indo até onde nossa visão alcança, a qual nos remete ao domínio do visível. A paisagem é constituída pelas cores, movimentos, odores, sons etc e, não somente por volumes.

Já TUAN (1974), impregna de percepção para definir a paisagem geográfica da superfície terrestre. Diz que é extremamente variada porque se associa diretamente à geografia física. Assim a paisagem pode ser considerada como o lar da população. “Outra maneira de se ler o processo de percepção da paisagem é sua representatividade nos processos de transformação cultural, implica que ela é uma representação da relação ser humano/natureza” (ROCHA, 2007, p. 25).

Essa percepção paisagística resvala na afirmação de BERTRAND (1982), na qual a paisagem é o resultado sobre certa porção do espaço, da combinação dinâmica e, portanto, instável dos elementos físicos, biológicos e antrópicos que interagindo dialeticamente uns sobre os outros fazem da paisagem um conjunto único e indissociável em contínua evolução.

A paisagem se define como espaço ao alcance do olhar, mas também à disposição do corpo; ela se reveste de significados ligados a todos os comportamentos possíveis do sujeito. [...] O corpo torna-se o eixo de uma verdadeira organização semântica do espaço que tem por base oposições como: alto-baixo, direita – esquerda, frente-atrás, próximo-distante [...] (COLLOT, 1990, p. 24).

Ainda sobre paisagem SANTOS (1997), complementa sua análise como a expressão materializada do espaço geográfico, interpretando – a como uma forma que engloba o meio.

Conforme CHRISTOFOLETTI (1994), o ambiente, engloba duas abordagens principais, sendo uma com significado biológica, social e valor antropocêntrico, e a outra, que constitui a funcionalidade interativa da geosfera – biosfera, com enfoque sobre “unidades de organização” com ou sem a presença humana.

SANTOS (1999), coloca que no começo da história do ser humano, a configuração territorial era formada por apenas uma natureza natural. À medida que ele foi construindo a sua história, essa configuração territorial sofreu uma série de transformações. Criou-se, então, uma nova configuração territorial, resultante de uma natureza inteiramente humanizada.

Na visão de PANNUTI (2006), o território consiste em um determinado espaço, dominado por algum tipo de posse. O território é definido como espaço nacional ou área controlada por um estado. HAESBAERT (2007), amplia essa ideia quando agrupa as diversas concepções de território em quatro vertentes: a política, a cultural, a econômica e a naturalista, cada uma enfatizando um determinado aspecto do território, em detrimento dos demais.

Num dado território a região se encontra em várias partes. De acordo com CLAVAL, (1974 p. 13) apud CORRÊA (1991, p.27), redefine o conceito de gênero de vida⁴, herdado do determinismo geográfico⁵ e pode ser analisada como uma concepção pelo qual quem define o ser humano é o meio ambiente, pois não se trata de mais uma consequência inevitável da natureza, mas de um acervo de técnicas, hábitos, usos e costumes, que lhe permitiram utilizar os recursos naturais disponíveis

Na escrita de LA BLACHE (1921, p. 6) apud AMORIM (2007, p. 56), o mesmo pensava que o conceito de região estava ligado a um “corpo vivo”, único. Corpo vivo por que o mesmo está em constantes transformações. Em um curto intervalo de tempo o agente transformador está se modificando sempre.

⁴ Gênero de Vida: Está ligado, diretamente, a um grupo humano, à suas culturas, a etnicidade, trabalho, religião família e aspectos geográficos.

⁵ Determinismo Geográfico: Teoria desenvolvida para explicar que o desenvolvimento do homem em uma determinada região está ligado às condições naturais que a natureza oferece.

GOMES (2000, p. 57), destaca que “a região é uma realidade concreta, física, ela existe como um quadro de referências para a população que aí vive”. Assim, CHELOTTI (2008), alinha gênero de vida com região, como uma categoria muito importante para a geografia. Conforme SORRE (1984) apud CHELOTTI (2008, p. 56-57), a noção de gênero de vida pode ser extremamente rica, pois está ligada diretamente ao grupo humano.

Essa interlocução entre região e gênero de vida, trouxe em primeira instância o possibilismo geográfico lablachiano o qual, alimentado, pelas ideias de BRAUDEL que viabilizou a Geohistória.

MAIA (2008), ressalta que o termo Geohistória usado no século XIX era empregado pelos geólogos como a história da terra. A palavra só foi reinventada após a tese *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na Época de Felipe II* (1949) de Fernand Braudel⁶, a partir daí com uma concepção dialética entre história/geografia, apontando o sucesso e o fracasso da história do ser humano.

Compondo a definição de região aos pensamentos de CARLOS (2007), temos que as cidades nascem num determinado momento da história da humanidade, se constitui ao longo do processo histórico e adquiriu formas e conteúdos diversos.

A cidade [...] vai se constituindo ao longo do processo histórico e que ganha materialização concreta, diferenciada, em função de determinações históricas específicas. [...] a cidade nasce da necessidade de se organizar um dado espaço no sentido de integrá-lo e aumentar sua independência visando determinado fim. Isto é, a sobrevivência do grupo no lugar, e o rompimento do isolamento das áreas agora sob sua influencia (CARLOS 2007, p. 56 – 57).

O lugar, o qual está inserido uma cidade, um território, é definido por CARLOS (1996), como a porção do espaço apropriado para a vida apropriada por meio do corpo e seus moradores, é o bairro, a praça, a rua, sendo assim, considerando que o lugar é a porção do espaço onde se desenrolam as relações cotidianas.

O lugar pode ser urbano ou rural, assim para BIAZZO (2008) apud WANDERLEY (2003, p.138), o campo ou o rural existem como um gênero de vida,

⁶ Fernand Braudel que pertencia a Escola dos Annales, famosa pelos intercâmbios entre a geografia e a história. Disponível: www.ajes.edu.br/posgraduacao/geohistoria. Acesso em: 26, jun. 2010.

pelo qual os indivíduos exercem sua função sobre si mesmos, como se vivessem a idéia de “mundo rural”, um universo completamente isolado.

E é nesse sentido que perpassa a idéia de comunidade no Noroeste do Mato Grosso que para CHAÚÍ (2008), a comunidade é como um grupo de pessoas que se conhecem, chama uns aos outros pelo primeiro nome e procuram estar em harmonia consigo mesmo e no grupo. O conceito de comunidade se complementa a partir do conceito de OLIVEIRA e SANTOS (2006), estabelece a relação entre o meio e o ser humano, este, movido pela necessidade, organiza sistemas de produção e suas formas de sobrevivência, tornando, assim, uma comunidade, onde que à medida que o ser humano organiza estes espaços, imprime nele características econômicas, sociais e culturais.

3. MATERIAL E MÉTODOS

Para a leitura do espaço regional, há técnicas que nos permite identificar alguns conceitos da forma espacial do lugar onde vivemos, e por meio de leituras históricas compreendendo as transformações sociais, ambientais, econômicas e geográficas sofridas pelo local ao longo do tempo.

Aliado a esse pensamento de pesquisa histórica, o trabalho foi desenvolvido através de um levantamento bibliográfico associado à pesquisa de campo. A pesquisa buscou mostrar de maneira clara e objetiva os fatos e atos que consolidaram a fundação e a dispersão dos colonos da comunidade em questão, os quais foram analisados e interpretados para tal compreensão da atual realidade.

Na coleta de informações como instrumento de pesquisa, foi aplicada uma entrevista/conversa com uma família “pioneira” e que ainda reside na *Comunidade Nome de Maria* desde final da década de 1978. Apenas uma família foi pesquisada porque é a única, que, ainda mora no local, desde o final da década de 1970.

Durante as visitas *in loco*, os momentos foram registrados através de imagens fotográficas, gravações e vídeos, posteriormente, analisados e relatados ao longo do trabalho.

Foram utilizados, mapas, imagens da época da chegada desses colonos, para comparação à atualidade. Usei também, imagens de satélites e informações do IBGE. Foram retirados mapa do Google Earth™, para uma representação de forma ampla e geral da região.

Toda essa tecnologia foi utilizada sendo acompanhada por uma pesquisa bibliográfica, busca de material em “sites”, revistas específicas e livros específicos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A COMUNIDADE NOME DE MARIA VISTA PELA GEOHISTÓRIA MATOGROSSENSE

4.1. A COLONIZAÇÃO DO NOROESTE DO ESTADO DE MATO GROSSO: UMA QUESTÃO DE DOMÍNIO TERRITORIAL

Para BRASIL (2010), durante as décadas de 1970 e 1980, se alastra por todo Brasil migrações que podem ser interestaduais, migração realizada entre estados, a intra-regional realizada dentro de uma mesma região e interregional, aquela realizada entre regiões ocorridas entre as Regiões Norte e Centro - Oeste do país.

MORENO e HIGA (2005), explicam que a ocupação do Estado de Mato Grosso foi iniciada no século XVIII na porção Sul do Estado, em decorrência das descobertas e do desenvolvimento das atividades de mineração de ouro e diamante.

MORENO e HIGA (2005), analisam a exploração aurífera do século XVIII como o ponto de impulsionamento para o surgimento de vários núcleos populacionais, que no qual mais tarde se transformaria em cidades, com o Poconé (1781) e Nossa Senhora do Livramento (1730).

OLIVEIRA e SANTOS (2006), colocam que a ocupação de Mato Grosso foi alavancada pelos bandeirantes no século XVIII, que saíram do estado de São Paulo. Sem falar dos grupos indígenas que aqui já habitavam e habitam a região, até hoje.

De acordo com VOLPATO (1993), ao defenderem a colonização de Mato Grosso, empresários, pesquisadores, e autoridades matogrossenses acreditavam ser o imigrante europeu o trabalhador ideal; com eles, naturalmente, a civilização e o progresso chegaria de forma mais rápida. Os colonos seriam os grandes responsáveis pelas mudanças na Província e a eles caberia a tarefa de transformar em riquezas imensas e inexplorados dons da natureza existentes em Mato Grosso.

Aliado ao processo ocupacional, Mato Grosso com o passar dos anos se desenvolve em diversas áreas, graças às políticas governamentais do Governo Federal, que proporcionaram povoamento da região.

Segundo SENE (1998), a colonização rural da população nacional só passou a ser feita a partir de 1930 com a Marcha para o Oeste, que começou na Região Sul do Brasil e impulsionada a povoar o Brasil Central, mais precisamente o Mato Grosso, a fim de ocupar os espaços vazios existentes.

SENE (1998) e OLIVEIRA (2000), alinham-se no pensamento em relação à chamada “Marcha para o Oeste”, pois, esse movimento foi uma ação governamental que teve como tentativa a ocupação, e a exploração das áreas menos povoadas, distribuindo melhor a população brasileira que se concentrava, principalmente, no litoral do Brasil, objetivando o desenvolvimento do país.

A proposta da "Marcha para o Oeste" é, então, apresentada como um movimento da nação à procura do alargamento do território nacional e do aumento da produtividade, com a idéia de conquista do espaço físico que irá gerar maior riqueza para o país (OLIVEIRA, 2000 p. 02).

Ratificando esses conceitos, TRUBILIANO (2010), associa o fenômeno “Marcha para o Oeste” como ações que marcaram não só as expectativas de desenvolvimento para região, mas a abertura da possibilidade da chegada de novos agentes sociais, representados, de um lado, por empreendedores/investidores e, de outro, pelas chamadas “classes perigosas”. Classes essas que eram denominadas de pistoleiros.

Já para MORENO e HIGA (2005), durante as décadas de 1970 e 1980 havia uma política de integração nacional, implantada pelo Governo Federal com o objetivo de anexar os grandes vazios demográficos ao processo produtivo brasileiro, que ocorre a ampliação e a incorporação das terras matogrossenses as atividades agropecuárias produtivas.

Com essa política NETO (2008), analisa que em meados dos anos 1970 foi a época que surgiu as primeiras iniciativas para a ocupação do noroeste com a abertura da rodovia AR-1⁷ e os projetos Juína, Juruena e Coloniza.

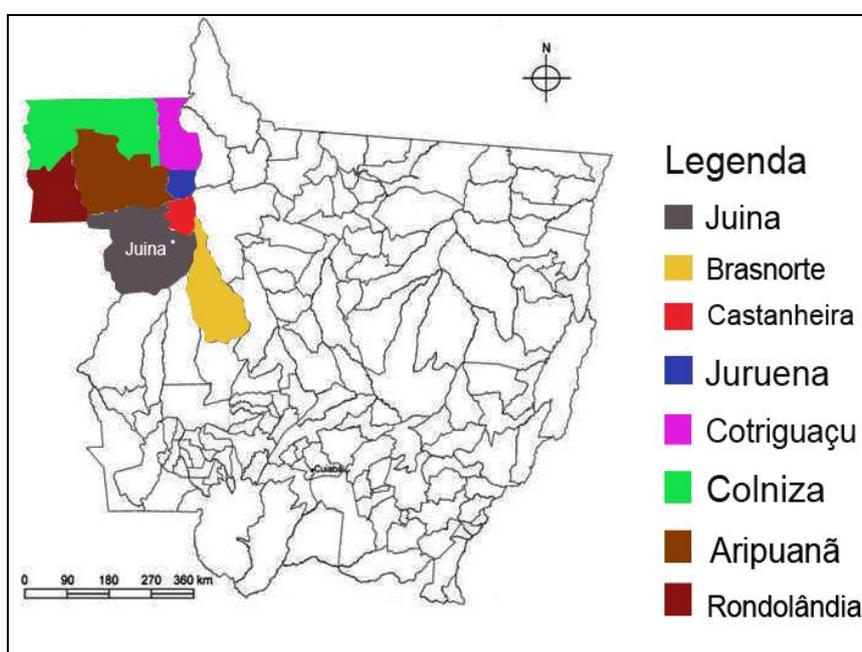
Com isso LONDRINA (1978), reforça a ideia de que Juína teria sucesso econômico, pois, seu empreendimento for assegurado, além, sobretudo pela localização da área do projeto, privilegiadíssima em termos de mercado. Também pelo qual o projeto Juína ocupou uma área em pleno centro da América Latina, ou

⁷ Rodovia AR-1: O início da povoação aconteceu através da construção da Rodovia AR-1, que liga a cidade de Vilhena, no Estado de Rondônia à de Aripuanã – Mato Grosso.

seja, com possibilidades de transformar-se em poucos anos num dos maiores centros de abastecimento de gêneros aos países do Caribe, do Pacífico Sul, do Noroeste Africano e naturalmente dos Estados Unidos e Europa.

CAMPOS (1993), observa que o município de Juína como uma grande faixa de terras completamente preenchidas por indígenas que a habitavam e tinham suas culturas, onde que mais tarde com seu processo de formação espacial alia a um passado economicamente rico, porém marcado pela desigualdade social, principalmente pela área dos grandes latifundiários que estava distribuída em mãos dos grande fazendeiros e desbravadores da região.

Para NETO (2008), os Projetos de Colonização, tanto no Noroeste do Estado e principalmente em Juína, tiveram estratégias diferentes. Foram usados vários *lócus* comunitários, como o Centros de Tradições Gaúchas, os CTGs, agregando migrantes dos mais diferentes cantos do Brasil, vilas rurais como referência para grupos de agricultores e Associações de Produtores organizadas nos mais diferentes perfis. Tudo isso contribuindo para o “inchaço” da cidade.



MAPA: 1 REGIÃO NOROESTE DO ESTADO DE MATO GROSSO

Fonte: LEMES, (2009) apud SILVA (2010)

O Território do Noroeste - MT abrange uma área de 149.223,50 Km² e é composto por 7 municípios: Aripuanã, Castanheira, Colniza, Cotriguaçu, Juína, Juruena e Rondolândia (Disponível em: www.territoriocardadania.gov.br, 2010). A população total do território é de 119.031 habitantes, dos quais 40% vivem na área

rural. O município de Brasnorte que está no mapa acima não corresponde ao Noroeste do estado de Mato Grosso, pois, o respectivo mapa corresponde ao municípios que fazem limites territoriais com o município de Juína – MT.

Em Juína encontramos na Igreja Católica uma importante referência comunitária. Essa paróquia chegou a ter 1.400 comunidades espalhadas por seus 123 mil Km², área que hoje compreende os municípios de Juruena, Cotriguaçu, Colniza, Aripuanã, Castanheira, Rondolândia, mas foi na região do município de Juína que essas pequenas estruturas desempenharam um papel mais significativo (NETO, 2008, p. 04).

NETO (2008), associa o sucesso das comunidades pela necessidade de se realizar um sonho e também pela necessidade de estabelecer laços, pontos de referência para se situarem sob o aspecto solidário do catolicismo.

4.2. ENTRE GARIMPOS E CONFLITOS INDÍGENAS: O DESENVOLVIMENTO DE JUÍNA

De 1800 até a metade do século XX, Mato Grosso era ocupado principalmente pelas nações indígenas, que correspondem aos primeiros habitantes do nosso Estado. Os jesuítas, que tinham por objetivo catequizar os indígenas, foram os primeiros estrangeiros a chegarem a essa área. Com os jesuítas, vieram os bandeirantes em busca do ouro.

Atualmente o nosso Estado é um dos melhores em agropecuária do Brasil, graças a vários fatores, entre eles, o clima. Os tipos de clima de nosso Estado são o equatorial e o tropical, ou seja, predomina o calor e há chuvas abundantes, o que traz benefícios para a agropecuária. Sendo que hoje existem dois tipos de pecuária; a moderna, que é a principal e a que mais gera renda para o Estado, e a agropecuária tradicional, ou seja, pecuária extensiva. A implantação de indústrias frigoríficas no estado aumentou a capacidade de abate, permitindo inclusive a exportação de determinados produtos industrializados pelo setor. Um dos principais fatores do desenvolvimento da pecuária mato-grossense foi a preocupação com o melhoramento genético dos rebanhos, aliado à vacinação sistemática.

O Projeto Juína foi desenvolvido então na década de 1970 pela CODEMAT que teve a incumbência de vender, aproximadamente, dois milhões de hectares de terras destinadas a esse projeto.

A colonização começou a partir de 1978, quando inúmeras famílias, oriundas do sul do país, migraram para esta região em busca de novas frentes agrícolas.

Na década de 1980 a agricultura era o ponto forte da economia local, sendo que no final da mesma década houve uma decadência na economia devido a falta de políticas do governo voltadas para o setor. A distância dos grandes centros encareciam os produtos e o transporte era de difícil acesso, com as estrada até a capital Cuiabá, na sua maioria, sem asfalto.

No final da década de 1980 e início da década de 1990 os agricultores insatisfeitos com o setor agrícola deram início a um grande êxodo rural, aumentando a população urbana que até, então, era bem menor que a rural. Nesse período o garimpo de diamante no entorno do município tornou-se uma das principais fontes econômicas, com aproximadamente 10.000 garimpeiros.

Com essa nova dimensão do espaço geográfico as interferências foram drásticas na paisagem, as comunidades tornaram tomando outros rumos em de Juína.

4.3. A VIDA EM COMUNIDADE: UM APELO À SOLIDARIEDADE

Mesmo essa região sendo formada por planaltos, é um ótimo lugar para plantações, no que diz respeito à agricultura de subsistência ou familiar. Com as melhorias de infraestrutura rompeu muitas barreiras, pois o acesso que antes era muito difícil, hoje se dá de forma mais rápida e tranquila. Essa nova realidade disponibilizou para cidade, todos os recursos tecnológicos existentes nas regiões brasileiras mais desenvolvidas, como telefonia, internet, serviços bancários, todos os produtos de gêneros alimentícios entre outras coisas. Isso facilitou o cotidiano juinense.

Contudo essas novas tecnologias e o fácil acesso acelerou a degradação ambiental, como podemos observar os recursos hídricos da cidade, apresentam grande desperdício, por falta de esclarecimento e sensibilização da população local. No momento, o fator antrópico altera principalmente as características fisionômicas da água como: textura, cor, gosto e aparência. O uso deste recurso na região está ligado diretamente à técnica de irrigação, dessedentação de humanos e animais, e outros fins.

Analisando dentro do processo de colonização de Juína – MT, muitos migrantes da *Comunidade Nome de Maria* a colonizar esta região, até então desconsiderada sem infraestrutura e sem aporte de recursos financeiros públicos por ser uma cidade recém planejada.

Ao longo do tempo esses imigrantes passaram a fazer parte do processo de estruturação do espaço – territorial, da *Comunidade Nome de Maria*.

Com a recém “descoberta” do município de Juína, a cidade obteve uma série de colonos que passaram a migrar para essa região, a fim de promover o desenvolvimento da agricultura, que foi a base da comunidade na época.

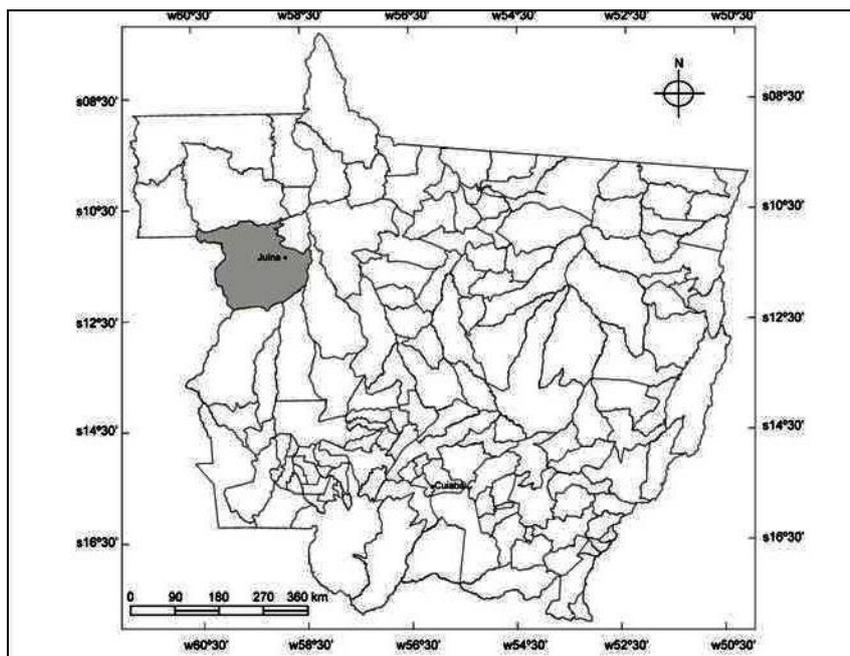
4.4. FAMÍLIA GOMES DE SOUZA: UMA PIONEIRA

Juntamente com o desenvolvimento da região amazônica e Superintendência do Desenvolvimento da Região Centro Oeste (SUDECO), o Estado de Mato Grosso começa a ser ocupado, deixando assim de existir os espaços anecúmenos⁸. Essa política de integração rendeu para essa região uma ocupação desordenada, onde a maioria das pessoas preferiu morar na região sul do estado. Em meados das décadas de 1970 e 1980 na região sul do Brasil somente algumas pessoas tinham informações sobre o Centro Oeste, outros nem sabiam que existia essa localidade, como nos diz o entrevistado Sr. Francisco:

“Não, não. Lá onde nós morava nunca ouvi fala dessa região. Pra nós lá ela era desconhecida, nem sabia que existia essa política do governo e as terras aqui”.

Apenas algumas pessoas tinham conhecimento sobre essa localidade, somente a elite favorecida que mantinha relações comerciais com pessoas de outras cidades, principalmente, de quem sabiam dessas terras. E foi justamente uma dessas pessoas que conhecia essa localidade, que conduziu o Sr. Francisco até o Estado de Mato Grosso, Juína e a *Comunidade Nome de Maria*. O mapa 2 mostra todo o Estado de Mato Grosso e seus respectivos municípios dando um destaque principal para o município de Juína.

⁸ Anecúmenos: Espaços geográficos que ainda não foram ocupados pelo ser humano.



MAPA: 2 ESTADO DE MATO GROSSO E SEUS MUNICÍPIOS

Fonte: LEMES, 2009 apud BEZERRA, 2010

Na época, aproveitando o ensejo da migração interna que acabara de florescer no Brasil, Francisco veio até Juína que, ainda estava sendo planejada, a convite de um amigo que também morava no Paraná, porém, já tinha algumas terras no município. O mesmo veio até esta região a procura de terras, para tentar proporcionar uma melhor qualidade de vida para sua família.

Após olhar algumas áreas deste município ele, logo de início comprou uma faixa de terra, apenas dezesseis alqueires e, retornando para o Estado do Paraná a fim de buscar os seus pertences e a família. Juntamente com ele vieram o irmão e família.

Para essa nova empreitada familiar, precisaram alugar um caminhão, o qual trouxe toda família e a mudança. No caminhão veio desde utensílios domésticos até um carro, carroça e um cavalo. Na época a distância e a qualidade das rodovias utilizadas para o transporte era o que fazia a diferença em uma viagem. De lá pra cá, foram três dias de viagens até chegar a Juína, passando por lugares onde o progresso se fez presente há muito mais tempo. O “chão preto” das vias representam na verdade o desenvolvimento, ainda por ser tratar da região sul. Já centro oeste por estar distante dos grandes centros empresarias, políticos administrativos e financeiros, o desenvolvimento se efetivou de maneira tardia

contando com diversas estradas com ligações federais e estaduais em funcionamento a base do chão bruto.

“Na viagem nós fizemo algumas paradas. Paramo em alguns lugar pra abastecer o caminhão e comer uns trem. Lembro que até chegamos em uma parada dessas, descer o cavalo para ele comer capim e dar uma andada para não entrevar e morrer, logo após isso, já continuamos a nossa viagem para o nosso destino: Juína”, diz Francisco.

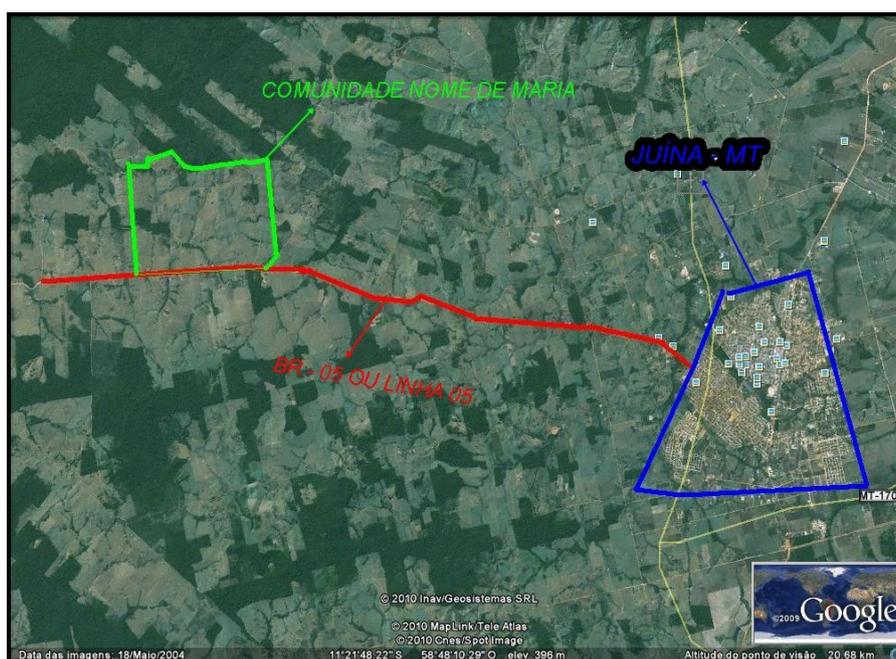


FIGURA 1: ESQUEMA SOBRE A LOCALIZAÇÃO ENTRE O MUNICÍPIO DE JUÍNA, A COMUNIDADE NOME DE MARIA VIA ESTRADA BR 05 OU LINHA 05.

Fonte: GOOGLE EARTH™, adaptado por OLIVEIRA, (2010)

Quando a família Gomes Souza aportou em Juína, foram direto para suas terras, na *Comunidade Nome de Maria*, usando a estrada BR 05⁹, onde se hospedou nos fundos do sítio. Com a recém chegada a região, ficaram hospedados na casa de um ocupante da comunidade vizinha *Comunidade São Timóteo*, logo em seguida construiram a casa de madeira, as margens de córrego de médio porte. O motivo que levou o Francisco a construir a casa nos fundos do sítio, foi determinada pela localização, pois, ficava perto da BR 05 ou Linha 05, estrada térrea que dá acesso ao município de Juína, como mostra a figura 1:

⁹ BR 05: Estrada térrea que liga o município de Juína ao de Aripuanã – MT.

Francisco diz que, “Logo que chegamo aqui, eu fiquei numa casa também de madeira de um homem que morava aqui na linha 05, até eu pode construí a minha casa. Quando eu construí a casa, era próxima a um riozinho, que passava mais a fundo da casa. Lá nesse rio, nós usava a água dele pra bebe, cozinhar, tomar banho. Compartilhava essa água juntamente com os animais e outros bichos que aqui tinha”.

Na época a família Gomes Souza era composta por seis integrantes; ele, a esposa e quatro filhos, todos oriundos do Estado do Paraná. O modo de vida que levavam naquela região era completamente diferente do que iria enfrentar. Ao chegar à comunidade, tiveram um grande impacto sobre a nova realidade, acostumado a ver plantações, grandes construções, edifícios. Quando chegaram perceberam que a paisagem geográfica se transfigurava uma densa mata fechada, ver figura 2, com animais silvestres, nunca vistos antes, além de uma terra boa para o plantio.



Figura 2: Área de floresta amazônica em torno do recém formado perímetro urbano de Juína.

Fonte: OLIVEIRA, (1977)

Uma grande diferença que o migrante sentiu ao se instalar nessa região foi no modo de produzir a agricultura. No estado de origem, ele plantava em terras arrendadas a cultura de trigo e algodão, culturas plantadas graças as boas condições do relevo quase todo de plano, facilitando o plantio e a colheita mecanizada. A área plantada era financiada por bancos e casas especializadas em

empréstimos. Em Juína, o produzir foi de maneira diferente tanto no tipo de culturas plantadas, como nas políticas agrícolas.

Mudou então, completamente o sistema de plantação, com um relevo bastante acidentado, inúmeros morros, serras e pequenos córregos fizeram com que o sistema de produzir fosse modificado.

As terras no Paraná, eram planas e propícias ao processo de aração, geograficamente no começo foi completamente diferente. Em Juína, as terras estavam sendo desmatadas gradativamente para o beneficiamento e comércio por parte das indústrias madeireiras. Com isso a região não estava preparada para receber máquinas a fim de gradear e mexer com as terras novas. Terras essas, que na visão do entrevistado, eram de melhor qualidade em relação às do Paraná, pois, não precisava de adubação para garantir a colheita, pois, a terra tinha em sua composição as cinzas da recente queimada que havia acontecido no local.

A família migrante, com um trabalho árduo, começou a praticar as primeiras derrubadas, a fim de obter algum produto para poder se alimentar e vender, e conseqüentemente, atingindo sua meta: a melhor qualidade de vida. Porém, para conquistar isso, tiveram que “lutar muito”, como disse o senhor Francisco.



FIGURA 3: CAFEZAL EM FLOR
Fonte: OLIVEIRA (1989)

De início após as queimadas, a primeira atividade agrícola que se destacou foi a plantação do café. Uma das culturas mais cultivadas na época de 1980,

primeiro pelo fácil ajuste da planta ao relevo e o solo da região, quanto ao grande valor de mercado, competindo e cotado entre uns dos melhores cafés do mundo na bolsa de valores de Nova Iorque.

Por essa atividade, se expandir, rapidamente, o café tornou-se um produto comum na região, onde todos os sítiantes e fazendeiros podiam plantar e ter altos lucros. Na figura 3, plantação de café na *Comunidade Nome de Maria*, produto que mesmo sendo africano tornou também indispensável na mesa do povo brasileiro.

Ainda na figura 3 observa – se a grande plantação de café quando está no seu período de floração é muito utilizada pelas abelhas que coletam o néctar das flores garantindo assim a fabricação de mel em suas colméias no campo. Com a instalação no sítio, o Sr. Francisco não optou apenas pelo cultivo do café, plantou também em grande área de arroz comum. E para a subsistência cultivou: milho, feijão, mandioca, batata doce, melancia, abóbora entre outros. Na criação de animais, criou galinhas e porcos. Nesse momento de vida, não havia grande plantel¹⁰, pois, ainda não se tinha alimentos suficientes para poder alimentá-los.



Figura 4: Carro popular do Sr. Francisco.
Fonte: Acervo Família SOUZA (2010)

¹⁰ Plantel: Ramo da zootecnia que estuda o conjunto de animais de raça fina, selecionada.

O modo de vida passou por um período de transição, pois, a primeira mudança que teve, foi quando vendeu o carro que trouxe consigo, porque na região não havia possibilidade alguma em utilizá-lo pelas más condições que as estradas se encontravam. A figura 4 mostra o carro popular, ainda, no Estado do Paraná.

“As estradas aqui eram muitas ruim, em péssimas condições de andar. Uma vez para fazer esse trecho daqui até em Juína o ônibus da TUT, que era o único meio de se andar além das perna, levou cerca de três horas ou mais pra chegar, isso que são apenas dezoito quilômetro [...]. E pra vorta, não teve ônibus, tivemos que vorta a pé, tava uma chuva danada, um barro na estrada que num passava nem calango. Chegemo em casa já era noitão, todo molhado e surjo”, relembra Francisco.

De 1985 a 1996 foi o período em que o mesmo realizou grandes plantações. A família tinha terras com ótimas condições aráveis, principalmente, para as culturas de arroz, feijão e café. Merece destaque nesse período o cultivo expressivo de arroz, que na época foi impulsionado pela COOPERJUÍNA (Cooperativa Agropecuária Mista de Juína), tornou responsável pela compra e destinação final do arroz Juinense.



Figura 5: No novo modelo de cultivo da família Douza.
Fonte: oliveira (1996)

Essa empresa funcionava com base nos princípios legais de um sistema de cooperativismo¹¹, porém, seu Francisco só utilizava a cooperativa para poder vender o arroz, como mostra a roça na imagem 5, a plantação de arroz onde o terreno era mais propício à cultura e ao fundo plantação de milho selecionado na recente derrubada do sítio realizada pela família.

No entanto Francisco relembra: “Agente derrubava, queimava, fazia as coivaras, tornava queima, prantava o arroz, carpia os mato do meio, colhia e depois vinha um homem com uma triadeira para pode fazer a colheita final, que era o beneficiamento. Esse cara que vinha colher pra nós o arroz no começo ele cobrava em dinheiro a forma do seu pagamento, pelo uso do seu equipamento e do trabalho. Tudo isso era manual”. Daí chegava lá na cooperativa pra descarregar us caminhão que vinha na roça busca o nosso arroz, tinha na frente uns três ou quatro na fila esperando para descarregar, tinha dia que era era até mais. Daí nós descarregava e também já vinha embora, num ficava lá não. Daí ou eles davam um cheque com a data para tal dia ou davam o dinheiro memo. Mas essa época logo passo, pois a cooperativa fechou, ela quebrou. Com o seu fechamento ela levou muitas pessoa também a falência”.

Essa cooperativa teve um grande sucesso econômico na região de Juína. Fundada no ano de 1980, oito anos depois já contava com 2.335 associados, sendo produtores que pertenciam o município de Juína e região. Devido à grande quantidade de produto estocado no galpão da própria empresa, algumas sacarias até apodreciam e o arroz tinha que ser jogado fora. Até esse momento as culturas que mais se destacavam eram a de café e arroz.

A figura 6 mostra a família do Sr. Francisco na roça. No recinto o mesmo fez um sistema de consórcio de cultura, onde plantou arroz, milho selecionado e café entre os espaçamentos.

¹¹ Cooperativismo: Os princípios morais e de conduta que dão base até hoje ao cooperativismo, herda – se de 28 operários que em 1844, maioria tecelões, no bairro de Rochdale – Manchester, na Inglaterra. Essa empresa ficou sendo reconhecida como a primeira cooperativa moderna, a "Sociedade dos Probos de Rochdale".



Figura 6: Consórcio de cultura. família do Sr. Francisco na época de plantio.
Fonte: Acervo Família SOUZA (1988)

De toda a produção dos Gomes de Souza, um pouco, era guardada para o consumo próprio e o restante, era vendida para poder tirar um dinheiro com as despesas e o restante sustentar a casa. Comprar ferramentas para o roçado, roupas, alimentos industrializados e também para o lazer, que de vez em quando na comunidade ou na casa de vizinhos tinha alguma festa, para ajudar com as despesas.

A comunidade em si era pequena, contava apenas com vinte e cinco famílias que viviam basicamente da agricultura, a distância entre uma e casa outra era de 800 a 1200 metros. Vale ressaltar que em alguns trechos essa distância pode ficar ainda maior. O único meio de locomoção disponível era o cavalo ou a pé, pois até esse momento ainda não tinha comprado uma moto ou carro. Aos domingos toda a comunidade se reunia na igreja para celebrar uma reza, que era celebrada por um integrante da comunidade desde que fosse alfabetizado.

Após a celebração todos os integrantes iam para uma casa a fim de bater papo, comer ou beber alguma coisa e colocar as novidades da semana em dia. Cada domingo em uma casa diferente, a figura 7 mostra, o acontecimento de uma festa na casa de um morador da *Comunidade Nome de Maria*. Hoje em dia as festas tradicionais fim de domingo já não acontece com tanta frequência, apenas quando tem aniversário.



Figura 7: Festa na Comunidade Nome De Maria.
Fonte: OLIVEIRA (1995)

Desse período de alta produtividade e dinheiro, veio o fechamento da cooperativa e algumas culturas perderam a força de mercado. O café que tinha também uma grande expressão econômica no município, sofreu queda significativa de preço, isso, desmotivou a maioria dos cafeicultores levando à cortarem dos pés e colocar fogo na maioria da produção, deixando apenas para o consumo familiar. Ao observar a imagem 8, a plantação de café, em consorciamento, com o milho, técnica utilizada pela maioria dos proprietários de pequenas áreas e o Sr. Francisco a fim de minimizar os custos.

De 1997 para cá a economia de Juína vem sofrendo transformação. Com o fechamento da cooperativa e a queda do preço do café, todas essas áreas agricultáveis para essas culturas, foram gradativamente ocupadas pelas pastagens. Já que na percepção de SANTOS, (1999 p. 61) a paisagem pode ser “tudo aquilo que se vê, ou seja, o que a visão alcança, pelo conjunto das cores, movimentos” [...]. A paisagem rural promovida pelas plantações estava chegando ao fim, dando início ao novo modelo econômico baseado na pecuária.

Assim, que a mesma ia se formando aos poucos, dispunha para a prática da pecuária extensiva, ou seja, grandes extensões de terra que servia para a criação de gado. Não, somente, nessa propriedade, mas em toda a região noroeste do estado o

modelo adotado foi o extensivo, pois as condições geográficas que a natureza oferecia eram propícias a criação de animais nesse sistema.



Figura 8: Sistema de Consórcio de cultura: café e milho
Fonte: OLIVEIRA (1997)

Os animais são criados em grandes extensões de terras compostas por capim, sal mineral e água. Nessa imagem 9, o sitiante, logo, de manhã tirando o leite da vaca para o sustento da família.

Assim, foi introduzida essa nova atividade econômica. De 1996 em diante o Sr. Francisco mudou de prática agrícola para prática pecuarista. Passou apenas a plantar para o próprio consumo, o básico para a sua sobrevivência.



Figura 9: Sr. Francisco ordenhando uma vaca.
Fonte: Acervo da Família SOUZA (1994)

“Em 1996 foi o ano quando eu parei de mexer com muita roça. Prantei apenas pra mim comer, para vender já não dava mais. Pois os preço era muito baixo, o custo pra pranta já estava ficando alto. Os filhos já foram casando e diminuindo a família, isso já complicava pra mexer, só, eu, a mulher e o casal de filhos mais novo. Daí eu fui parando de mexer com roça. Aí nós derrubava, queimava, uma vez prantava alguma coisa, outra vez já prantava direto o capim e deixava virar pasto pra criar gado”, relata Francisco.



Figura 10: Atual casa da família Souza.
Fonte: OLIVEIRA (2010)

Idoso, o Sr. Francisco resolveu largar a casa de madeira e coberta de tabinha que morava no fim do sítio, a mesma casa dos idos tempos da chegada do Paraná, mudando para a entrada do sitio. A casa nova continuava de madeira, porém, agora com tábuas serradas em serraria e o chão com piso de cimento, como mostra a figura 10.

A casa nova ao redor é cercada por fios de arame que serve para que os animais não ultrapassem os limites entre o quintal e o pasto. Observar figura 11. Há também uma pequena horta que aproveita as verduras frescas na alimentação da família.

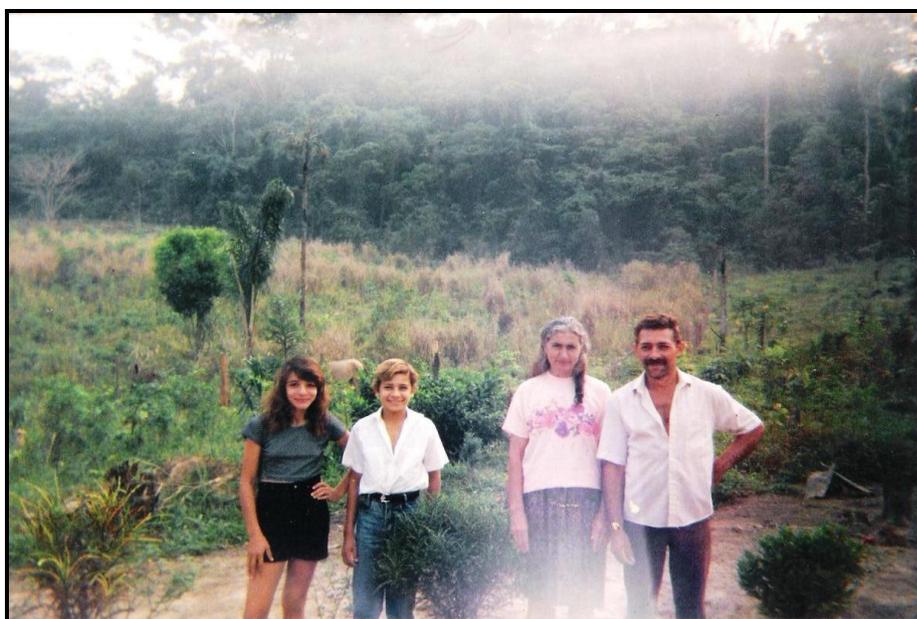


Figura 11 : Sr. Francisco e o casal de filhos mais novo na recente construção da casa.
Fonte: Acervo família SOUZA, (1999).

A família Souza resolveu mudar a casa de lugar pela localização geográfica que a mesma estava situava, no final do sitio. Com as enchentes que começaram a ficar cada vez mais freqüentes, quando chovia muito os rios logo se enchiam dificultando a saída da família em direção à BR 05. Isso levou o mesmo a transferir para o começo do sitio, a casa que ficara com a saída pela Linha 06.

É perceptível que a partir de 1980 a família Souza teve uma melhora significativa na qualidade de vida. Ao longo de todos esses anos a família sempre buscou isso. A casa localiza - se logo na entrada do sítio, com um relevo em torno de si meio acidentado, porém, contemplada com energia elétrica pelo programa do governo federal “Luz para Todos”, assim como todas as pessoas que ainda moram

na comunidade. Isso modificou muito a vida no sítio. Com a chegada da energia, comprou então: geladeira, televisão, freezer, ventilador, além de outros aparelhos indispensáveis para o dia a dia de uma família moderna.

Quando abordado sobre como está sendo a vida agora, Francisco relembra: “A, com a energia tudo ficou melhor. Agente agora pode bebe uma água gelada, come uma carne fresca, matar umas galinhas, fazer um pouco e guarda o resto no congelador, que não tem perigo de estragar. Alem do principal que é a luz que serve para lumiar onde nós pisa a noite [...] antes nós lumiava a noite com um lampião que era movido a butijão de gás. Agora não, é só bota o dedo na tomada que acende tudo a qualquer hora”.

Hoje, reside na casa, apenas, o casal pioneiro. Seus filhos seguiram seus próprios caminhos. Dos quatro, três estão casados, somente, o caçula está solteiro, e o casal vive com a venda de gado vindo da pecuária de corte e da aposentadoria destinada ao trabalhador do campo. Possui um carro e uma moto que proporcionam ao casal, meios de transporte e conforto.

A meio desse tempo o sitio está quase todo desmatado, tendo uma pequena reserva de mata fechada na divisa entre o sitio e o do vizinho, alguns córregos de pequenas proporções na época de estiagem secam pela falta de água. O único tipo de serviço que a família Souza agora faz é dar manutenção ao sítio para que o mesmo não fique empraguejado por ervas daninhas e cuidar do gado.

CONCLUSÃO

A aprendizagem é um processo pelo qual os seres humanos adquirem informações, atitudes e valores. A partir do contato com a realidade, o meio ambiente e com outras pessoas, o indivíduo passa a ter acesso a cultura, desenvolve a socialização e assimila melhor o conteúdo proposto. O diálogo e a interação possibilitam o desenvolvimento da capacidade de observação, construção e aprofundamento dos conhecimentos, conhecer o espaço em que estão inseridos.

Por meio de pesquisa, teoricamente a região Noroeste do Estado de Mato Grosso sempre foi um lugar que desde a sua colonização despertou nas pessoas um olhar diferente sobre ela. Fato esse comprovado pela pesquisa de campo que foi analisada por meio de uma entrevista aberta, dirigido à apenas um colono pioneiro que até hoje pertence ao grupo de moradores da *Comunidade Nome de Maria* desde a década de 1980.

O fato atípico que fez com que os imigrantes viessem para a região de Juína, foi a grande procura de possuir melhor expectativa de vida e áreas de terra para o trabalho familiar na agricultura de subsistência, sem levar em conta as diversas dificuldades que viriam a enfrentar. As dificuldades foram imensas, como: fortes chuvas, falta de estradas para a locomoção, escola longe, baixo preço de produto, o não incentivo por parte dos governantes para a prática da agricultura. Mesmo com as dificuldades presentes até hoje, os moradores da comunidade ainda persistem morar na localidade, pois, a mesma garante uma vida confortável aos pés de um morador de zona rural.

Hoje, a vida na comunidade está mudando por vários motivos, um forte êxodo rural atinge a maioria das famílias que viviam no local, porém, as famílias que ainda permanecem na comunidade se sentem realizadas com a pequena área territorial por estarem produzindo por meio do trabalho sustentável garantindo assim uma melhor condição de vida para todos.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

AMORIM, Cassiano Caon. **Discutindo o conceito de região**. Disponível em: <www.jf.estacio.br>. Acesso em: 25 jun. 2010.

BERTRAND, G. Paisage y Geografia Física Global. In MENDOZA, J.G.; JIMINES, J.M. y CANTERO, N. O. (Orgs) **El pensamiento geográfico**. Estudio interpretativo y antologia de textos (de Humboldt a las tendencias radicales). Madrid: Alianza Editorial, 1982.

BLAZZO, Pedro Paulo. **Campo e rural, cidade e urbano: distinções necessárias para uma perspectiva crítica em geografia agrária**. Disponível em: WWW.geografia.fflch.usp.br>. Acesso em: 25 jun.2010.

BRASIL, Marília Carvalho. **Os fluxos migratórios na região norte nas décadas de 70 e 80: uma análise exploratória**. Disponível em <WWW.fundaj.gov.br>. Acesso em 23 de Jun. 2010.

CAMPOS, Julio. Revista Fundação. **Municípios de Mato Grosso**. Nº 08 set, 1993. p. 01.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo; Hucitec, 1996. p. 20-22.

_____ **A Cidade**. O homem e a cidade. A cidade e o cidadão. De quem é o solo urbano? 8ª Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

COLLOT, Michel. **Pontos de vista sobre a percepção das paisagens**. Boletim de Geografia Teorética, v. 20, n. 39, p. 24. 1990.

CHAUÍ, Marilena. **Filosofia**. Coleção Novo Ensino Médio, 2ª edição, 2008, Ed. Ática.

CHELOTTI, Marcelo Cervo. **Região, cultura e gênero de vida: leituras “geográficas” sobre a obra Sagarana de João Guimarães Rosa**. Disponível em: <www.caminhosdegeografia.ig.ufu.br>. Acesso em 27 jun. 2010.

CHRISTOFOLETTI, A. **Impactos no meio ambiente ocasionados pela urbanização no mundo tropical**. São Paulo: Hucitec, 1994. p. 127 – 138.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

LACERDA, Keyla Christina Albuquerque. **Migração e seletividade no mercado de trabalho de Fortaleza: uma análise empírica**. Disponível em <www.ipece.ce.gov.br>. Acesso em: 23 jun. 2010.

LAGE, Creuza Santos. **Reflexões e construções geográficas contemporâneas**. Salvador, 2004.

LONDRINA. **Projeto Juína. Bem vindo ao futuro!** *Folha de Londrina*. Suplemento. Londrina, 7 abr. 1978, p.5.

MAIA, Claudio Silveira. **Metodologia do Ensino em Geohistória**. Disponível em <www.ajes.edu.br>. Acesso em 26 jun. 2010.

MORENO, Gislaene ; HIGA, Tereza Cristina Souza (Orgs). **Geografia de Mato Grosso: Território, Sociedade e Ambiente**. Cuiabá, Editora Entrelinhas, 2005, p. 296.

NETO, Vitale Joanoni. **A terra do sonho. Igreja e ocupação no mato grosso após 1970. Memória da reconstrução da vida privada**. Disponível em: <WWW.dhi.uem.br>. Acesso em 05 out. 2010.

OLIVEIRA, Maynara ; SANTOS, Maria Sirley. **Geografia: do olhar do homem aos segredos da natureza**. UFMT, NEAD, Cuiabá, 2006.

OLIVEIRA, Rosimar Regina Rodrigues. **A “marcha para o oeste” e o progresso na imprensa Matogrossense do século xx: uma análise enunciativa**. Disponível em: <www.preac.unicamp.br>. Acesso em: 01 out. 2010.

PANNUTI, Maria Regina Viana. **História**. O processo de ocupação de Mato Grosso. 2ª Ed. Cuiabá. EdUFMT, 2006.

SANTOS, Maria Sirley dos. **Geografia: Do olhar do homem aos segredos da natureza**. 2. Ed. 2006, Fascículo 1. Cuiabá; EdUFMT.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 2ª Edição. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. **A natureza do espaço: espaço e tempo: razão e emoção**. 3ª Ed. São Paulo. Editora Hucitec, 1999.

SENE, E. de. **Geografia Geral e do Brasil**. São Paulo: Scipione, 1998.

ROCHA, Samir Alexandre. **Geografia humanista: história, conceitos e o uso da paisagem percebida como perspectiva de estudo**. Curitiba, nº. 13, p. 19-27, 2007. Editora UFPR.

TRUBILIANO, Carlos Alexandre Barros. **Mato Grosso e a marcha para o oeste: Colonização e controle social. (1937-1945)**. Disponível em: <WWW.pph.uem.br>. Acesso em 01 out. 2010.

VIDAL DE LA BLACHE, apud LENCIONI, S. **Região e Geografia**. São Paulo: Edusp, 1999. p. 107.

VOLPATO, Luíza R. R. **Cativos do sertão: vida cotidiana em Cuiabá: 1850 / 1888**. São Paulo: Editora Marco Zero: Cuiabá – MT. EdUFMT, 1993.

WANDERLEY, Maria de Nazareth B. **O Lugar dos Rurais: o meio rural no Brasil moderno.** In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. 21. Mesa-Redonda. Caxambu: UFMG, 1997. p.1-12.